

# **Trazendo o indizível para o campo da linguagem: a literatura de jovens refugiados na Alemanha**

*Bringing the Unspeakable into Language: The Literature of Young Refugees in Germany*

Marina de Oliveira SANTOS\*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**RESUMO:** A crise migratória que ocorreu na década passada teve um forte impacto na sociedade e até mesmo na política da Europa. Por sua posição de maior acolhimento de refugiados em comparação com vários de seus países vizinhos, a Alemanha se viu no centro dessa crise. Uma parte da sociedade alemã via os refugiados como uma ameaça aos valores e à cultura alemã, enquanto outra parte buscava ter um olhar mais empático e receptivo em relação aos migrantes. Nesse sentido, surge em Berlim o *Poetry Project*, um projeto que busca reunir adolescentes refugiados para um grupo de escrita criativa. Este artigo busca analisar a relevância e o impacto do *Poetry Project*, tanto para os seus participantes quanto para a sociedade alemã. Além disso, será feita também uma análise de alguns dos poemas escritos por dois participantes do projeto e da maneira como estes se relacionam com as experiências vividas pelos autores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Migração; Refúgio; Escrita Criativa; Poesia.

**ABSTRACT:** The migration crisis of the past decade had a profound impact on European society and politics. Due to its comparatively more welcoming stance toward refugees than many of its neighboring countries, Germany found itself at the center of this crisis. While part of the German society saw refugees as a threat to national values and culture, another part sought to adopt a more empathetic and receptive perspective. It is in this context that the Poetry Project emerged in Berlin, bringing together refugee adolescents in a creative writing group. This paper aims to analyze the relevance and impact of the Poetry Project, both for its participants and for German society more broadly. In addition, the paper includes an analysis of selected poems written by two participants, exploring how these texts reflect and engage with the authors' life experiences.

**KEYWORDS:** Migration; Refuge; Creative Writing; Poetry.

---

\* Mestra em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: marinaoliveira.ms@gmail.com

Em 2015, uma imagem amplamente divulgada pelos meios de comunicação ao redor do mundo causou comoção global. Tratava-se da fotografia de Alan Kurdi, uma criança síria de apenas três anos que, junto de sua família, tentava alcançar a ilha grega de Kos, mas morreu no naufrágio da embarcação precária em que viajava, nas proximidades da península de Bodrum. A imagem é brutal: o pequeno corpo de um bebê, exposto à violência de um naufrágio, deitado de bruços na areia, como se fosse um objeto qualquer trazido pela maré. O fato de tudo isso ter ocorrido justamente em uma praia turca conhecida por seus resorts de luxo torna a cena ainda mais perturbadora, ao evidenciar um contraste cruel entre aqueles que podem desfrutar de paisagens paradisíacas e todo o conforto possível, e aqueles que, muito perto dali, lutam desesperadamente pela sobrevivência.

Tal imagem se impôs como uma evidência incontornável de uma realidade que muitos países europeus vinham tentando ignorar: milhares de pessoas, em situação desesperadora, batiam às portas da Europa em busca de refúgio — e a recusa em recebê-las, ou mesmo os inúmeros obstáculos impostos a esse deslocamento, representavam, para muitas delas, uma sentença de morte.

Em um contexto no qual as discussões sobre migração e refúgio vinham se acirrando na Europa, tendo sempre um viés ideológico em seus discursos contra ou em defesa dos refugiados, que, por sua vez, eram frequentemente retratados como uma ameaça à cultura e às populações europeias, a imagem da criança afogada provocou um forte impacto e incitou ainda mais as discussões sobre o tema. Na época, o jornal britânico *The Guardian* afirmou que as fotografias do garoto evidenciavam o horror total da tragédia humana que estava ocorrendo nas costas europeias (*The Guardian*, 2015), enquanto o jornal americano *Washington Post* definiu o episódio como o símbolo trágico da crise de refugiados do Mediterrâneo (*Washington Post*, 2015).

A situação, que vinha sendo denominada naquele período como a maior crise migratória do século, havia atingido seu auge no ano anterior. De acordo com os dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), em 2014 o número de pessoas em situações de deslocamento forçado em todo o mundo alcançou 59.500.000, um aumento de mais de 40%, em comparação o início da década. (Unhcr Global Trends Report, 2014, p. 5) O número de refugiados e pessoas deslocadas internamente recebendo

Revista Moara, n. 70, 2025, e7011, 2025 ISSN: 0104-0944

assistência do ACNUR em 2014 aumentou em 11,0 milhões, atingindo um recorde de 46,7 milhões de pessoas no final daquele ano. Entre eles, os refugiados sírios se tornaram o maior grupo, (3,9 milhões) ultrapassando os refugiados afegãos (2,6 milhões), que anteriormente eram a maioria.

Esses deslocamentos forçados foram consequências dos mais diversos tipos de situações extremas, desde guerras e intolerância religiosa até violações de direitos humanos e a escassez de alimentos causada pelas mudanças climáticas. Os migrantes partiam de países do Oriente Próximo e do norte da África e, em sua grande maioria, tinham em países vizinhos seus destinos finais. Uma parcela dessas pessoas, porém, buscava alcançar o território europeu e a chegada dessa grande quantidade de indivíduos no continente fez com que o debate atingisse as esferas jurídicas, sociais e políticas, ganhando nestes campos um caráter fortemente ideológico e despertando um discurso nacionalista que até então parecia adormecido no continente europeu.

Alguns países, como a Hungria, adotaram o fechamento radical de suas fronteiras para os refugiados como conduta em relação à crise. Já outros buscaram de alguma forma acolher parte desta massa migratória que chegava ao território europeu e, neste sentido a Alemanha adotou uma posição de protagonismo em relação aos outros países do continente, se tornando o maior destinatário individual de novos pedidos de asilo entre os países da Europa, com 441.900 registrados em 2015 (UNHCR Global Trends Report, 2015, p. 38).

Se, por um lado, aumentavam na Alemanha as políticas de acolhimento e apoio aos refugiados, por outro lado, aumentavam também os discursos de ódio aos estrangeiros na sociedade alemã. A questão dos refugiados e as políticas de Angela Merkel em relação aos requerentes de asilo atingiram um protagonismo tão grande no debate público que passaram em 2015 a ser questões centrais para o partido alemão de extrema-direita *Alternative für Deutschland*. O partido, que até então adotava um discurso mais moderado e focava seus debates nas dinâmicas políticas da Zona do Euro, passou, em 2015, a ter as questões de migração, de refúgio e o Islã como seus principais tópicos (Arzheimer; Berning, 2019, p. 01). Seu discurso passou, então, a apresentar um tom crescentemente antidemocrático, com ataques constantes às políticas de pluralismo, a proteção

constitucional das minorias e uma concepção cívica de cidadania (Arzheimer; Berning, 2019, 2019, p. 02).

Foi, portanto, justamente ancorado no sentimento anti-imigração que vinha florescendo na sociedade alemã que a AfD começou a ganhar espaço na política do país, um espaço que vem se tornando cada vez maior, como tem apontado os resultados das eleições na Alemanha, com o partido tendo números continuamente mais expressivos, tanto a nível federal quanto a nível regional<sup>1</sup>.

Os temas abordados pela AfD em suas campanhas, assim como a sua crescente relevância na sociedade alemã não são, porém, a única prova de que as políticas migratórias passaram, a partir desse período, a ser um tema central no debate político alemão. Dentre outros, podemos citar como exemplo também o surgimento, em Dresden, do grupo PEGIDA, sigla em alemão para “Patriotas Europeus contra a Islamização do Ocidente”, que surgiu em 2014 e ganhou força em 2015, com diversas manifestações não só por Dresden, mas também por outras cidades alemãs. Como afirmou, Dirk-Martin Christian, presidente do Departamento Estadual de Proteção à Constituição, “Ao oferecer regularmente para os extremistas de direita uma plataforma de propagação de ideologias anticonstitucionais, esse movimento age como articulação entre extremistas e não extremistas” (Deutsche Welle, 2021). Tais ideologias eram voltadas ao ataque do que era percebido pelo grupo como uma cultura islâmica, representada pelos refugiados que chegavam ao país, que trariam consigo uma série de valores e costumes que se colocariam em oposição à cultura judaico-cristã ocidental e que, assim, ameaçariam os valores europeus.

Essa percepção europeia do, por eles assim denominado, “Oriente” não é, porém, uma novidade provocada pela crise migratória. Edward Said em sua obra, *O Orientalismo*, realiza um estudo histórico sobre a posição antagônica que o Oriente ocupa no imaginário ocidental:

O Oriente não é apenas adjacente à Europa; é também o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes do Outro. Além disso, o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) com sua imagem, ideia, personalidade, experiência contrastantes.

---

<sup>1</sup> De acordo com dados da plataforma alemã de estatísticas Statista. <https://de.statista.com/>  
Revista Moara, n. 70, 2025, e7011, 2025 ISSN: 0104-0944

Mas nada nesse Oriente é meramente imaginativo. O Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura material europeia. (SAID, 2007, p. 13)

Said afirma, portanto, que o Oriente é colocado em um local de oposição em relação ao Ocidente e, mais especificamente, à cultura europeia. Para o autor, o Oriente se torna então o Outro da Europa, a representação que se coloca no imaginário europeu para definir o diferente e, pelo contraste, construir a própria percepção de identidade ocidental.

Essa percepção, que parte de uma série de estereótipos sobre os assim denominados “orientais” e que, portanto, é bastante desumanizadora, tem diversas consequências negativas para os refugiados que adentraram o território europeu na última década. Mesmo em cidades como Berlim, famosas pelo multiculturalismo e pelo respeito à diversidade, os estrangeiros estão sujeitos a uma série de microagressões<sup>2</sup>, que provocam um impacto severo em suas vidas, como demonstra o pesquisador Zong Yao Edison Yap, em sua dissertação, *Stratified Belonging, Layered Subjectivities: The Complexities of Refugee Integration in Cosmopolitan Berlin*. Em seu trabalho o autor parte de uma pesquisa etnográfica, entrevistando refugiados, migrantes e descendentes de migrantes em Berlim, para estabelecer uma compreensão maior sobre as discriminações que estas pessoas estão sofrendo enquanto buscam alguma inserção na sociedade. Dentre os problemas identificados por Yap, estão a discriminação relacionada a hábitos e práticas religiosas, a associação de indivíduos lidos como árabes à imagem do terrorismo, a fetichização e a dificuldade em ter acesso a universidades e ao mercado de trabalho.

Tais relatos demonstram que a postura de tolerância adotada pela Alemanha em sua política externa a respeito da, assim chamada, crise migratória não dialoga com a realidade que muitos requerentes de asilo viveram dentro da sociedade alemã. Os desafios, conflitos e traumas que muitos destes indivíduos vivem já no momento da

---

<sup>2</sup> O termo “microagressão” é aqui utilizado em referência ao trabalho de Derald Wing Sue, que na obra *Microaggressions in Everyday Life: Race, Gender, and Sexual Orientation* define o conceito de microagressão como uma série de violências pouco explícitas às quais indivíduos pertencentes a grupos minoritários estão constantemente sujeitos.

travessia em direção à Europa, não se encerram quando estes alcançam o território europeu, mas, pelo contrário, passam a ser parte do cotidiano destas pessoas.

## 1 A literatura como possibilidade de humanização

Como ficou bastante notório nas centenas de casos que repercutiram nos noticiários mundiais, tendo na morte do menino Alan Kurdi um de seus principais símbolos, um dado bastante significativo sobre o fenômeno migratório que ocorreu na Europa na última década diz respeito aos riscos que corriam os requerentes de asilo ao tentar chegar ao território europeu, uma vez que as principais rotas para essa travessia envolviam uma série de condições extremas que frequentemente resultavam na morte das pessoas que estavam sujeitas a estas situações. Outro fenômeno, porém, que foi um pouco menos notório, dizia respeito à idade de vários destes requerentes de asilo, uma vez que na impossibilidade que muitas famílias tinham de pagar pela travessia para todos os seus membros, muitos enviavam seus filhos menores de idade desacompanhados para o território europeu.

Em 2014 dados do ACNUR apontaram para um recorde de menores de idade que cruzaram sozinhos as fronteiras alemãs (ACNUR Global Trends Report, 2014, p. 3). Essas crianças e adolescentes, que frequentemente haviam passado por uma série de traumas relacionados às suas experiências de travessia para o território europeu, precisaram, então, lidar sozinhas com as barreiras linguísticas, o choque cultural e a discriminação a que estavam expostas após terem deixado seus países.

Foi neste contexto que a jornalista e autora alemã Susanne Koelbl criou o *Poetry Project*, um grupo de escrita de poesia voltado para jovens refugiados. Com a ajuda do advogado e tradutor afegão Aarash D. Spanta, Koelbl percorreu abrigos temporários para requerentes de asilo em Berlim, convidando os jovens que lá estavam para participarem de um workshop de poesia.

Como é descrito na seção “Por que fazemos isso?” do website do projeto<sup>3</sup>, o objetivo do *Poetry Project* seria a busca por uma aproximação entre os requerentes de asilo e a sociedade alemã. Além disso, o projeto buscara oferecer também aos

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://shop.thepoetryproject.de/wie-wollen-wir-kuenftig-miteinander-leben/>  
Revista Moara, n. 70, 2025, e7011, 2025 ISSN: 0104-0944

participantes um protagonismo em relação às suas próprias histórias: “Queremos promover a escuta e expandir nossos olhares para eles. Não para criar relatos sobre eles, mas para oferecer a eles uma plataforma para as suas próprias e diversas vozes.<sup>4 5</sup>”

Michèle Petit afirma na obra *Os Jovens e a Leitura*, um estudo etnográfico a respeito da literatura em grupos sociais marginalizados, que “não existe exclusão pior que a de ser privado de palavras para dar sentido ao que vivemos” (Petit, 2008, p. 45). A antropóloga francesa percebe a literatura como uma segunda linguagem que utilizamos “para falarmos de nós mesmos, um espaço privilegiado para a descoberta de si” (Petit, 2010, p. 81). Além disso, Petit acredita que a literatura “reconduz o indizível para o campo da linguagem” e, desta forma, é capaz de fornecer ferramentas para a elaboração de experiências pessoais, mesmo quando estas estão marcadas pelo trauma. Petit defende que “quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo” (Petit, 2008, p. 81), uma afirmação que está em consonância com o pensamento de Antoine Compagnon, que afirma que uma das funções da literatura seria “compensar a insuficiência da linguagem e de suas categorias discretas, pois só ela tem condições de exprimir o contínuo, o impulso e a duração, ou seja, de sugerir a vida” (Compagnon, 2009, p. 37). Dessa forma, a literatura, se utilizando da língua, iria além da língua, expressando o que pertence à experiência humana, mas que esta é incapaz de exprimir, o indizível.

É justamente esta questão que é levantada por Rojin Namer, autora participante do *Poetry Project*, em entrevista para a revista *Neu in Deutschland*. Na matéria, Namer comenta sobre suas dificuldades para abordar algumas de suas experiências traumáticas e fala sobre como a literatura foi uma ferramenta valiosa nesse processo:

Raramente encontro alguém que fale abertamente sobre isso. Eu também não consigo falar sobre meus sentimentos. Só consigo escrevê-los em um pedaço de papel e depois recitá-los. Eu costumava enterrar meus pensamentos em um buraco escuro. Felizmente, sempre tive ao meu redor pessoas que me puxavam para fora deste buraco, e a poesia sempre foi uma mão que me ajudou a sair do escuro. (Namer, 2018)<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> “Wir wollen dafür werben, ihnen zuzuhören und den Blick für sie zu öffnen. Nicht über sie berichten, sondern eine Plattform bieten für ihre eigenen vielfältigen Stimmen.” Em: <https://shop.thepoetryproject.de/was-wollen-wir/>

<sup>5</sup> Todas as traduções de citações e textos originalmente em alemão foram realizadas pela autora do artigo.

<sup>6</sup> “Ich finde nur selten jemanden, der offen darüber redet. Auch ich kann meine Gefühle nicht aussprechen. Ich kann sie nur auf ein Blatt Papier bringen und dann vortragen. Früher habe ich meine Gedanken in einem Revista Moara, n. 70, 2025, e7011, 2025 ISSN: 0104-0944

Essa dificuldade para falar de experiências traumáticas, assim como o encontro com a escrita como meio de expressão, são pontos bastante recorrentes entre os participantes do projeto, como aponta Theresa Rüger, no artigo *Ich wollte bleiben. Ich ging. Poetische Dialoge als Empowerment für junge Geflüchtete – ein Erfahrungsbericht*. Para a pesquisadora, que trabalhou como voluntária no *Poetry Project*, o fato da abordagem destas experiências ocorrer através da escrita e não do diálogo faria com que os autores conseguissem estabelecer com maior precisão os limites do que eles sentem serem capazes de narrar e o que ainda não consideram possível ser dito.

Neste sentido, podemos questionar de que forma são estruturados estes workshops de escrita criativa e quais elementos são utilizados para facilitar essa experiência de acolhimento e de liberdade de expressão para os seus participantes. Nem no website do projeto, nem nas publicações que o *Poetry Project* já realizou existem informações sobre a forma como as oficinas de escrita são conduzidas, porém, em um vídeo tutorial enviado a pessoas interessadas em participar da iniciativa, Koelbl descreve que as reuniões ocorrem em grupos que contam com números entre quatro e oito participantes estrangeiros e mais dois ou três participantes alemães. É proposto, então, um debate para este grupo, no qual, como aponta Koelbl se discute “*Heimat*, refúgio, experiências de chegada e a nova vida na Alemanha, mas também, para os alemães, o que representa tantos estrangeiros no meu país. Coisas que estão pairando pelo ar”.

Já sobre o processo de escrita em si, que ocorre após o debate a respeito das temáticas propostas, Koelbl afirma<sup>7</sup> que é estipulado para os autores que eles escrevam em suas línguas maternas tendo como tempo de escrita somente vinte minutos. Quando questionada a este respeito, Koelbl afirma que não existe a necessidade de mais tempo e que, caso o prazo de escrita fosse maior, isso faria com que os participantes ficassem inseguros a respeito do que estavam escrevendo. Dessa forma, a limitação de tempo funcionaria como um método para que os autores escrevam sem inibições e sem preocupações estéticas.

---

dunklen Loch begraben. Zum Glück hatte ich immer Menschen in meiner Nähe, die mich herausgezogen haben aus diesem Loch, und auch “Poetry” ist immer eine Hand gewesen, die mir aus dem Dunkeln herausgeholfen hat.”

<sup>7</sup> Essas informações foram coletadas através de uma entrevista com Susanne Koelbl, Rojin Namer e Shahzamir Hataki realizada em 31/11/2021.

No vídeo tutorial também é relatado que, após este momento de escrita, os poemas são lidos, ainda em seus idiomas originais e durante esta leitura ocorre uma tradução simultânea, para que todos os participantes do workshop compreendam todos os poemas lidos. A este respeito, vale a pena apontar que o vídeo tutorial do projeto foi feito em 2017, em um momento inicial do *Poetry Project*, com o propósito de servir de material de apoio para outros grupos interessados na iniciativa que vinham surgindo. Desta forma, ele aborda um contexto no qual os participantes do projeto ainda não tinham conhecimento de língua alemã suficiente para participarem no processo de tradução dos poemas. A este respeito, tanto Koelbl quanto os autores Rojin Namer e Shahzamir Hataki afirmam que o processo passou por modificações à medida que os autores foram adquirindo fluência em alemão e passaram, então, a participar ativamente da tradução de seus poemas ou ainda, em alguns casos, a escrevê-los em língua alemã.

Como afirmamos anteriormente, a proposta de Koelbl é, além de oferecer uma possibilidade de expressão para os adolescentes refugiados, também promover um diálogo destes autores com a sociedade alemã. Assim, o projeto atua não somente na realização dos *workshops* de escrita, mas também na divulgação do resultado desses *workshops* para a comunidade.

Nesse sentido, os principais veículos de divulgação do projeto são as publicações de coletâneas e os eventos, como saraus e debates, que são organizados pelo *Poetry Project* e que servem para que os autores apresentem suas produções literárias e tenham um contato mais direto com o público que os acompanha.

Vale mencionar, por exemplo, que o Poetry Project já participou do Festival Internacional de Literatura de Berlim em 2016 e 2017 e do Festival de Literatura de Munique em 2019 e, segundo o relato oferecido pelo site, foi justamente o sucesso que obtiveram em sua primeira participação no festival berlinese que alavancou a expansão do projeto.

Já em relação a publicações, em 2017, o *Poetry Project* publicou sua primeira coletânea, com o apoio de instituições públicas e doadores privados. Trata-se de uma edição simples, sem ilustrações ou fotos além da capa, contracapa e orelhas, mas com uma proposta editorial interessante: o livro é quadrilíngue, com textos em persa, árabe, alemão e inglês, sendo que os poemas em persa e árabe foram publicados com os

manuscritos originais dos autores. O livro, cujo título é *Allein nach Europa* [Sozinho para a Europa], é uma obra curta, com apenas 64 páginas e 14 poemas, traduzidos em quatro idiomas, além de um prefácio de Koelbl. Entre os autores, Shahzamir Hataki e Samiullah Rasouli contribuíram com três poemas cada, Mohamad Mashghdost e Mahdi Hashemi com dois, e Ali Ahmade, Ghani Ataei, Yasser Niksada e Kahel Kaschmiri com um poema cada. Além dos poemas e do prefácio, o livro traz apenas uma linha informando o autor, sua idade e local de nascimento abaixo do título de cada poema.

Já a segunda coletânea de poemas, *Ich wollte bleiben. Ich ging* [Eu queria ficar, eu parti], publicada em 2019, que tem seu título inspirado no poema *Beginn des Lebens* [Início da vida] de Mashghdost, tem uma edição mais sofisticada, com uma capa laminada que simula um espelho, permitindo que o leitor se veja refletido. No centro da capa, há um círculo branco, simbolizando, segundo Koelbl, a sensação de falta, uma metáfora para a experiência dos migrantes. O livro é bem mais extenso que o primeiro, contando com 247 páginas em sua edição em língua alemã. Diferente de *Allein nach Europa*, ele foi publicado separadamente em edições em inglês e alemão, e apenas alguns poemas mantêm suas versões nos idiomas originais, provavelmente devido ao grande número de autores de diversas origens. Enquanto o primeiro livro contou com poucos poetas, este envolve 105 autores das mais diversas nacionalidades, sendo estes responsáveis por 130 textos.

A publicação, assim como a anterior, inclui um prefácio de Koelbl, além de comentários de personalidades das áreas da literatura e da história, como o autor britânico Timothy Garton Ash e o ensaísta e crítico literário alemão Gustav Seibt, e apresenta uma organização temática, com os poemas distribuídos em capítulos com os títulos *Flucht, Heimat, Gewalt, Ankunft, Fremdheit, Familie, Erinnerung, Liebe, Vertrauen, Einsamkeit, Freiheit, “Die Deutschen”, Frauen und Männer e Identität*<sup>8</sup>. Há ainda um último capítulo intitulado “*Literarische Reportagen von Analphabet\*innen*”, que reúne textos em prosa obtidos por meio de entrevistas com migrantes não alfabetizados em alemão ou em suas línguas nativas. Essas conversas possibilitaram a participação dessas pessoas no projeto, com suas narrativas orais sendo transcritas e integradas à coletânea.

---

<sup>8</sup> Refúgio, Pátria, Violência, Chegada, Ser estrangeiro, Família, Memória, Amor, Confiança, Solidão, Liberdade, “Os Alemães”, Mulheres e Homens e Identidade  
Revista Moara, n. 70, 2025, e7011, 2025 ISSN: 0104-0944

Ao longo de seus anos de existência, o projeto tem colhido frutos significativos. Em 2019, Shahzamir Hataki e Robina Karimi foram premiados e Rojin Namer foi finalista do THEO – *Berlin- Brandenburgischer Preis für Junge Literatur*, prêmio destinado a jovens autores. Em 2018, o projeto já havia recebido coletivamente o prêmio *Else Lasker-Schüler-Lyrikpreis*, concedido pela *Else Lasker-Schüler-Gesellschaft*, que apoia artistas pertencentes a grupos marginalizados. Os autores também participaram de eventos literários, como o *Internationales Literaturfestival* em Berlim e o *Literaturfest* de Munique, além de performances artísticas, como a performance *Zuhören*, que combinou dança contemporânea e leitura de poemas. Essas participações e prêmios refletem a relevância e o impacto do Poetry Project na cena literária.

É importante que percebamos o quanto significativo é que estes espaços existam e que as obras desses autores sejam reconhecidas. Chimamanda Ngozi Adichie discute em sua obra, *O perigo de uma história única*, a forma como narrativas a respeito de pessoas ou até mesmo de populações inteiras marginalizadas são estabelecidas sem que estas tenham oportunidade para relatarem suas próprias vivências. Ela descreve então o modo como, em muitos contextos, o que acaba restando para estas pessoas é somente uma narrativa pré-estabelecida contada por outros a respeito delas, as “histórias únicas” e afirma ainda que “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (Adichie, 2019, p. 14). Tal afirmação se relaciona de maneira muito próxima com a descrição que Bhabha (2023) faz a respeito do estereótipo no discurso colonial, como uma identificação que oscila entre algo já conhecido e algo ansiosamente repetido. Quando refletimos, portanto, sobre o peso histórico que existe em relação à representação de povos orientais na cultura europeia e na forma como os requerentes de asilo que chegaram ao continente europeu precisaram suportar esse peso, percebemos, então, que ações como o *Poetry Project*, que buscam exatamente a ruptura desses estereótipos e a multiplicidade de vozes e histórias, atuam justamente no cerne da questão, oferecendo aos requerentes de asilo um espaço raro de expressão e de humanização e à sociedade alemã uma nova perspectiva.

## 2 E o que contam os autores?

No primeiro livro publicado pelo *Poetry Project*, o *Allein nach Europa*, participaram 8 autores afegãos e iranianos, chegados na Alemanha na condição de refugiados. Já da publicação da primeira coletânea para a segunda, se estabeleceram outros núcleos do projeto, em outras cidades alemãs e, consequentemente, ocorreu um grande aumento no número de participantes envolvidos. *Ich wollte bleiben, ich ging* conta com 105 autores vindos de mais de 14 países diferentes. Até mesmo alguns adolescentes alemães, que tinham em seus históricos de vida alguma relação com migrações, participaram, assim como uma autora brasileira, da qual não é possível encontrar muitas informações entre os materiais do projeto.

Considerando a multiplicidade de autores, com suas mais diversas origens e histórias de vida, tanto na primeira quanto na segunda coletânea, fica impossível estabelecer uma única temática ou um único estilo para essas obras. Porém, é possível afirmar com bastante precisão que o trauma e o conflito cultural são temas recorrentes na grande maioria dos textos publicados<sup>9</sup>.

Grande parte das obras são poemas, porém, apresentam ainda assim um tom fortemente narrativo. Vários poemas têm, como uma de suas temáticas centrais, as terras natais dos autores, que são muitas vezes descritas com uma nostalgia que se apresenta relacionada com memórias de tempos de paz, recordações da ingenuidade da infância e com a falta que esses autores sentem de suas famílias. Ao mesmo tempo, em outros textos surgem relatos chocantes de violências que esses autores vivenciaram em seus países de origem, como, por exemplo, no poema *Hoffnungslos* [Sem esperança] (2017), no qual o autor Ghani Ataei, com 16 anos de idade na época, descreve um assassinato que testemunhou, e o texto em prosa *Mein letzter Sommer in Afghanistan* [Meu último verão no Afeganistão] (2019), de Kahel Kaschmiri, que narra a situação na qual o autor, então com 15 anos, precisou fugir de um sequestro que teria como consequência um caso de violência sexual. É possível dizer que uma questão bastante recorrente nos textos que tematizam este assunto é a questão da perda em relação às suas terras natais que é

---

<sup>9</sup> Grande parte dos poemas citados neste artigo encontram-se disponíveis em alemão e em inglês no website do projeto.

motivada não somente pela distância na qual os autores se encontram de seus países, mas principalmente por estes locais terem se tornado cenários de violência e de guerra, de forma que eles se encontram para sempre perdidos para os autores, pela simples impossibilidade de que tudo volte a ser como era antes.

O poema Damaskus [Damasco] (2019) de Rojin Namer exemplifica esta temática. Nele a autora, com 15 anos na época da publicação, descreve sua cidade natal, Damasco, se utilizando de versos curtos e de contrastes para expressar seu sentimento de perda em relação ao local onde, como ela mesma descreve, estão suas raízes:

#### **Damasco<sup>10</sup>**

Como devo descrever Damasco?  
Como devo descrever o paraíso a quem jamais o viu?  
O coração da Síria.  
A alma em mim.  
A esperança de outros.  
Isso é Damasco.

Onde há guerras.  
Onde bombas caem todos os dias.  
Onde as pessoas têm medo.  
Isso é Damasco.

Aonde vou todos os dias em meus sonhos.  
Onde tenho minhas raízes.  
Isso é Damasco.

Onde eu pergunto ao culpado quem é o culpado de tudo isso.  
Onde nenhum remédio estanca o sangue.  
Isso é Damasco.

Lá, onde vinham turistas de toda parte.  
Lá, onde as ruas estão destruídas.  
Lá, onde agora corre sangue.  
Minha Damasco.

Sinto falta das suas ruas.  
Sinto falta das suas luzes.

---

<sup>10</sup> Damaskus: Wie soll ich Damaskus beschreiben?/ Wie soll ich das Paradies beschreiben, denjenigen, die es nicht kennen?/ Das Herz von Syrien./ Die Seele von mir./ Die Hoffnung von anderen./ Das ist Damaskus./ Wo es Kriege gibt./ Wo Bomben fallen jeden Tag./ Wo Leute Angst haben./ Das ist Damaskus./ Wovon ich jeden Tag träume./ Wo ich meine Wurzeln habe./ Das ist Damaskus./ Wo ich den Schuldigen frage, wer schuld ist daran./ Wo keine Medizin das Blut stoppt./ Das ist Damaskus./ Da, wo überall Touristen hinkamen./ Da, wo die Straßen zerstört sind./ Da, wo jetzt Blut fließt./ Mein Damaskus./ Ich vermisste deine Straßen./ Ich vermisste deine Lichter./ Ich vermisste deine Musik,/ die wir jeden Morgen hören./ Ich vermisste deine Nächte,/ die warm und voller Leben sind./ Das ist Damaskus./ Die Stadt voller Liebe./ Eine Stadt voller Blut./ Das Paradies/ wurde zur Schlacht./ Wo den Leuten die Tränen laufen vor Enttäuschung./ Vor Angst./ Und nicht vor Freude./ Das ist Damaskus./ Mein Damaskus./ Ich will dich zurück./ Zurück zu mir. Revista Moara, n. 70, 2025, e7011, 2025 ISSN: 0104-0944

Sinto falta da sua música,  
que ouvíamos todas as manhãs.  
Sinto falta das tuas noites,  
que eram quentes e cheias de vida.  
Isso é Damasco.

A cidade cheia de amor.  
Uma cidade cheia de sangue.  
O paraíso  
transformado em campo de batalha.

Onde as pessoas choram de decepção.  
De medo.  
E não de alegria.  
Isso é Damasco.

Minha Damasco.  
Quero você de volta.  
De volta para mim.  
(The Poetry Project, 2019, p. 44 e 45)

No poema, são evocadas imagens de uma vida cotidiana (“suas ruas”, “suas luzes”, “sua música”) que foi brutalmente interrompida para se tornar, então um cenário de guerra, “onde bombas caem todos os dias”. O tom fortemente nostálgico que permeia todo o texto é concluído nos últimos versos do poema, nos quais a autora expressa seu desejo de ter a sua Damasco, a Damasco de sua infância, de volta. Neste sentido, é notável que Namer descreve a cidade no início do texto como um paraíso. Ottmar Ette no texto *A Expulsão do Éden: Migração e Escrita Depois do Paraíso* explora o tema da expulsão do Paraíso na tradição judaico-cristã como um ponto de partida simbólico para discutir migração, exílio e as violências associadas a esses processos ao longo da história humana. Ette examina como a história de Adão e Eva representa a primeira migração forçada e, por isso, traz consigo as experiências de violência e exclusão.

O autor afirma que a expulsão do Éden não é apenas uma narrativa sobre perda, mas também sobre o início de uma busca dolorosa por conhecimento, um saber que está intrinsecamente ligado à ideia de sofrimento e de afastamento do Paraíso. Neste sentido, Ette faz referência também a outras narrativas clássicas, como a de Ulisses, para ilustrar como o exílio e o desejo de retorno permeiam as narrativas humanas. O autor percebe, porém, essa busca por um retorno como uma busca marcada pela impossibilidade, uma vez que o migrante, ao abandonar sua pátria, passa por transformações provocadas pelo

tempo e pela distância que o impedem de experienciar seu local de origem da mesma forma como ele era experienciado antes de sua partida.

No caso de *Damascus*, acrescenta-se ainda a essa impossibilidade de retorno uma nova dimensão: as transformações que ocorreram na cidade natal da autora e, consequentemente, com a própria autora, não dizem respeito somente ao tempo, mas também às destruições provocadas pela guerra. É possível retornar ao que se era antes, depois de se ter testemunhado tanto horror e destruição? O tom nostálgico do poema demonstra não apenas esta impossibilidade, mas, além disso, a própria consciência a respeito dela.

Já outra experiência traumática que é relatada com bastante recorrência nos textos dos autores do *Poetry Project* diz respeito à própria trajetória que estes precisaram realizar para chegar a Alemanha. É o caso do poema *Nullpunkt* [Ponto zero] (2019), também de Namer, no qual ela relata o tempo que permaneceu na prisão antes de conseguir chegar ao território alemão, ou do poema *Nimruz* (2019) de Samiullah Rasouli, no qual o autor narra o encontro e a conversa que teve, durante sua travessia pelo deserto, com um moribundo que se encontrava cercado de cadáveres após o grupo do qual fazia parte ter sido atacado. Neste contexto, são recorrentes também os relatos de travessias marítimas, como no poema *Der einzige Sohn* [O único filho] (2017) de Shahzamir Hataki, no qual o autor relata o naufrágio que vivenciou. Um relato de naufrágio está presente também na narrativa do poema *Nicht der letzte Tag* [Não o último dia] (2019), de Hussein Kuafath:

#### **Não o último dia<sup>11</sup>**

Onze dias do Egito à Itália.  
Cinco etapas, por terra, por água.  
Eu estava tão cansado.  
No mar, trocamos de barco.  
Eu estava tão cansado que caí.  
Minha mochila,  
quase afundei com ela.  
Muitas mãos desconhecidas me puxaram para fora da água.

---

<sup>11</sup> Nicht der letzte Tag: Elf Tage von Ägypten nach Italien./ Fünf Etappen, über Land, über Wasser./ Ich war so müde./ Auf dem Meer haben wir das Boot gewechselt./ Ich war so müde, dass ich fiel./ Mein Rucksack,/ fast wäre ich mit ihm ertrunken./ Viele fremde Hände zogen mich aus dem Wasser./ Einige Boote später gerieten wir in einen Sturm./ Das Wasser kam von allen Seiten,/ wir rannten unter Deck./ Wir dachten, dies sei unser letzter Tag./ Zum Glück war es nicht der letzte./ Nur Unser schlimmster.

Alguns barcos depois, veio a tempestade.  
A água vinha de todos os lados,  
corremos para baixo do convés.  
Achamos que aquele era nosso último dia.

Felizmente, não foi o último.  
Apenas o pior.  
(The Poetry Project, 2019, p. 17)

Existem elementos que surgem neste poema e que são bastante comuns nos textos sobre travessias dos autores do *Poetry Project*. Muitos dos poemas relatam percursos que se estendem ao longo de vários dias e a essa passagem do tempo se soma uma sensação de desgaste físico e emocional que nos dão uma dimensão da experiência exaustiva de deslocamento por eles vivenciadas.

Essa dimensão do movimento na literatura é debatida por Ottmar Ette em sua obra *EscreverEntreMundos: Literaturas sem Morada Fixa*. No livro, o autor propõe uma análise de literaturas que abordam experiências de deslocamento enfatizando justamente a questão do movimento e a forma como este se faz presente nas narrativas. Em sua concepção de poética do movimento, ele sugere que certos textos podem ser mais bem compreendidos quando examinados em relação aos deslocamentos intrínsecos a eles. Para ele, tempo e espaço estão interligados em uma dinâmica vetorial que nega qualquer percepção de fixidez.

Quando analisamos os relatos de trajetórias dos requerentes de asilo, como no caso do poema *Nicht der letzte Tag*, fica evidenciado justamente que a distância percorrida é uma medida relativa, determinada pelo tempo e espaço. Muitas dessas pessoas não realizaram seus deslocamentos de forma convencional, entrando em um avião ou em um trem e chegando com segurança aos seus destinos finais. Ao contrário disso, elas cruzaram distâncias metro a metro, em transportes precários ou até mesmo a pé, enfrentando uma dimensão de tempo e de espaço a que muitos de nós, que temos acesso a meios de transporte modernos, já não estamos mais habituados.

Ao sentimento de exaustão, que no poema *Nicht der letzte Tag* é enfatizado pela repetição da frase “eu estava tão cansado”, soma-se ainda outra experiência relacionada a várias das travessias dos requerentes de asilo: a jornada envolve uma série de riscos e, portanto, muitos dos que passaram por essas travessias perderam ou correram o risco de perder suas vidas durante o trajeto. A percepção desse risco, que em *Nicht der letzte Tag*

se faz presente na cena em que quase ocorre um afogamento, é uma constante nos textos de vários autores do *Poetry Project*, que relatam experiências de quase morte ou do testemunho da morte de outras pessoas durante a trajetória. Primo Levi, ao falar sobre as experiências relatadas a respeito de campos de extermínio, afirma que aqueles que viveram estas experiências até o seu âmago, não sobreviveram para poder relatá-las<sup>12</sup>. Aqui algo similar volta a se repetir e muitos daqueles que enfrentaram os horrores da guerra, de um naufrágio ou os perigos de uma travessia pelo deserto não sobreviveram e puderam relatar as suas experiências. Aos que sobrevivem resta então a consciência do quão perto eles estiveram de também perder as suas vidas.

Por fim, outra experiência traumática que é recorrentemente tematizada nos textos dos autores do *Poetry Project* diz respeito à vivência que estes têm ao se verem como migrantes em uma cultura diferente. Ao abordarem esta temática, muitos autores apontam aspectos culturais alemães que lhes causaram estranhezas, como no caso de *Über Sicherheit und kleine Freiheiten* [Sobre segurança e pequenas liberdades] (2019), poema no qual Shazamir Hataki traça uma comparação entre vários aspectos culturais diferentes entre o Afeganistão e a Alemanha. Já outros autores relatam a culpa que sentem por estarem em condições melhores do que suas famílias, que ficaram em seus territórios de origem, como no poema *Schuldgefühle* [Sentimentos de culpa] (2019) de Rojin Namer. Há também entre os poemas diversos relatos sobre as lutas burocráticas que envolvem a permanência na Alemanha, como em *König der Ausländerbehörde* [Rei do Departamento de Estrangeiros] (2019) de Robina Karimi, assim como outros poemas, que relatam experiências de exclusão e violência, como no caso do poema *Spuren* [Rastros] (2017), de Yasser Niksada, no qual o autor narra uma abordagem policial que sofreu quando tinha apenas 14 anos.

As origens, experiências e realidades dos autores do Poetry Project são múltiplas e diversas e, da mesma forma, são diversos os temas abordados na literatura produzida por eles. As questões inerentes às suas experiências como refugiados são os temas mais

---

<sup>12</sup> “Repito, não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. Esta é uma noção incômoda, da qual tomei consciência pouca a pouco, lendo as memórias dos outros, relendo as minhas, muitos anos depois. Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo: mas são eles, os ‘muçulmanos’, os que submergiram – são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral”. (LEVI, 1990, p.47)

recorrentes nas obras, porém não são de forma alguma os únicos assuntos abordados. Entre os poemas encontramos reflexões sobre temas como a liberdade, identidade, diferenças entre homens e mulheres e até mesmo relatos de suas primeiras experiências amorosas.

A leitura das obras desses jovens autores revela experiências marcadas pelo trauma e pelo confronto com uma cultura que frequentemente os recebe com hostilidade. Ao mesmo tempo, trata-se da produção literária de sujeitos em processo de formação, que ainda procuram compreender o mundo e, sobretudo, construir uma imagem de si mesmos em relação a esse mundo. Como afirmam os próprios autores, a literatura tem sido, para muitos, um espaço onde conseguem nomear suas vivências — das mais simples e cotidianas às mais dolorosas e difíceis de carregar, ou seja, um espaço de reflexão e, até mesmo, de construção de si mesmo. A afirmação, porém, de que a literatura possui um forte caráter humanizador, não diz respeito somente ao efeito que ela causa nesses autores, que podem contar, então, com as palavras para dar sentido às suas vivências, mas também àqueles que leem as obras do *Poetry Project*, e que são, assim, atravessados pela experiência humanizadora de reconhecimento do outro e pela oportunidade de dirigir a esse outro um olhar que ultrapasse a barreira dos estereótipos.

## REFERÊNCIAS:

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ARZHEIMER, Kai; BERNING, Carl C. How the Alternative for Germany (AfD) and their voters veered to the radical right, 2013–2017. **Electoral Studies**, [s.l.], v. 60, p. 01-10, ago. 2019. Disponível em:<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261379418305158>. Acesso em: 5 out. 2024.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura Para Que?** Tradução de Laura Taddei Brandini. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ETTE, Ottmar. **EscreverEntreMundos: Literaturas sem Morada Fixa.** Tradução de Rosani Umbach, Dionei Mathias e Teruco Arimoto Spengler. 1. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

ETTE, Ottmar. A expulsão do Éden: Migração e escrita depois do Paraíso. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 25, p. 5-42, jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/65745> Acesso em: 23 out. 2025.

INTELIGÊNCIA alemã classifica Pegida como extremista e inconstitucional. **DW Brasil**, [s.I.], 5 mai. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/intelig%C3%A3Ancia-alem%C3%A3-classifica-pegida-como-extremista-e-inconstitucional/a-57467432> Acesso em: 3 out. 2024.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes.** Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

NAMER, Rojin. Ein Blatt nach dem Frost. **NID-Zeitung**, Bochum, 2018. Disponível em: <https://nid-zeitung.de/ein-blatt-nach-dem-frost> Acesso em: 24 out. 2025.

PETIT, Michele. **A arte de ler: ou como sobreviver à adversidade.** Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura.** Tradução de Celina Olga de Souza. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

RÜGER, Theresa. "Ich wollte bleiben. Ich ging." Poetische Dialoge als Empowerment für junge Geflüchtete – ein Erfahrungsbericht. In: WILLMS, Weertje; BACKES, Martina. (Org.). **Kontexte kreativen Schreibens. Eine Standortbestimmung in Theorie und Praxis.** 1. ed. Berlim: Frank & Timme, 2021, p. 327-346.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente.** Tradução de Rosaura Eichenberg. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SHOCKING image of drowned Syrian boy shows tragic plight of refugees. **The Guardian**, 2 set. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2015/sep/02/shocking-image-of-drowned-syrian-boy-shows-tragic-plight-of-refugees> Acesso em: 23 out. 2025.

THE POETRY PROJECT e.V. (Org.). **Allein nach Europa.** [S.l.]: The Poetry Project, 2017.

THE POETRY PROJECT e.V. (Org.). **Ich wollte bleiben. Ich ging.** [S.l.]: The Poetry Project, 2019.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. **Global Trends 2014.** Genebra: United Nations High Commissioner for Refugees, 2014. Disponível em: <https://www.unhcr.org/media/unhcr-global-trends-2014>. Acesso em: 23 out. 2025.

Revista Moara, n. 70, 2025, e7011, 2025 ISSN: 0104-0944

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. **Global Trends 2015**. Genebra: United Nations High Commissioner for Refugees, 2015. Disponível em: <https://www.unhcr.org/media/unhcr-global-trends-2015>. Acesso em: 23 out. 2025.

YAP, Zong Yao Edison. **Stratified belonging, layered subjectivities: The Complexities of Refugee Integration in Cosmopolitan Berlin**. 1. ed. Genebra: Graduate Institute Publications, 2021.

A dead baby becomes the most tragic symbol yet of the Mediterranean refugee crisis. **The Washington Post**, Washington, 2 set. 2015. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2015/09/02/a-dead-baby-becomes-the-most-tragic-symbol-yet-of-the-mediterranean-refugee-crisis/>. Acesso em: 22 out. 2025.